

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM VASO LUSITANO-ROMANO COM VIDRADO DE CHUMBO, ENCONTRADO NO MONTE DO FARROBO. RIO DE MOINHOS.

ANDRADE, R. de Freire de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1967 | Número: 77

Como citar este documento:

ANDRADE, R. de Freire de; FERREIRA, O. da Veiga, Um Vaso lusitano-romano com vidrado de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo. Rio de Moinhos. *Revista de Guimarães*, 77 (1-2) Jan.-Jun. 1967, p. 109-114.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um vaso lusitano-romano com vidrado de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo—Rio de Moinhos

Por R. DE FREIRE DE ANDRADE

o
O. DA VEIGA FERREIRA

I — *Preâmbulo*

Um dos signatários da presente notícia (F. A.) teve conhecimento da descoberta de uma pedra com letras, de panelas de barro e de ossos, no Monte do Farrobo. Uma vez no local verificou tratar-se de um cemitério lusitano-romano do tipo do de Valdoça em Aljustrel, situado 6 km. a norte da povoação de Rio de Moinhos, Concelho de Aljustrel.

A Herdade do Farrobo situa-se na peniplanície do Baixo Alentejo, na parte abrangida pelos terrenos do terciário do Vale do Sado.

O cemitério encontra-se numa área onde afloram argilas contendo concreções calcárias do Oligocénico, estando relativamente a pouca profundidade o *substratum* primário constituído por xistos, grauvaques, pórfiros e doleritos.

Nas sepulturas exploradas foi encontrado espólio de grande interesse para o estudo da ocupação romana do Sec. I A. D. naquela região.

As referências a descobertas lusitano-romanas na região são bastante notáveis. Alguns estudos foram já

publicados que merecem ser postos em destaque porque trouxeram elementos muito valiosos para o conhecimento desta época lusitano-romana (1).

Proveniente do cemitério do Farrobo deu a conhecer um dos signatários uma bela lápide (2) e está feito um estudo sobre o referido cemitério e espólio que foi já entregue para publicação (3).

Dada a importância, como raridade cerâmica, de um vaso vidrado ali encontrado, e mercê de elementos de comparação que conseguimos obter, pensámos em apresentar já esta peça cerâmica para conhecimento dos meios da especialidade.

II — *Conjunto do espólio da sepultura n.º 20 e descrição do vaso*

O vaso objecto desta nota (Fig. 1) encontrava-se numa sepultura de incineração com muita cinza e pedras, e era acompanhado pelo seguinte material: fragmentos abundantes de vidro, vários pregos de ferro, um prego de

(1) A. Viana, R. Freire de Andrade, e O. da Veiga Ferreira, «Minerações romanas de Aljustrel», T. XXXV, *Com. Serv. Geol. de Portugal*, Lisboa, 1954.

Idem, idem «O cemitério celtico-romano de Valdoca», *XXIII Cong. Luso-Espanhol*, Coimbra, 1956.

Idem, idem «Nótula sobre duas lucernas bilychnis achadas em Aljustrel». *Rev. de Guimarães*, vol. LXVII, Guimarães, 1957.

R. Freire de Andrade, «As lucernas do cemitério lusitano-romano de Valdoca — Aljustrel», *Arqueologia e História*, vol. VIII, Lisboa, 1958.

O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Algumas marcas de oleiro em «terra sigillata» de Vipasca (Aljustrel)», *Rev. de Guimarães*, vol. LXXIV, Guimarães, 1964.

Abel Viana, «Vidros romanos em Portugal», *Soc. de Antrop. e Etnol.* Porto, 1959.

(2) R. Freire de Andrade, «Uma lápide romana do Monte do Farrobo — Rio de Moinhos», *Conimbriga*, vol. I, Coimbra, 1959.

(3) Entregue ao Dr. Bairrão Oleiro para publicação na revista *Conimbriga*.



Fig. 1 — *O vaso vidrado procedente de Farrobo (Aljustrel)*

(Fot. de D. Fernando de Almeida)

cobre, um prato de barro muito queimada pelo fogo, uma lucerna do Séc. I que estava dentro duma taça de vidro. Esta é de vidro despolido tendo gravado no fundo, a letras doiradas, as palavras DVLCIS VIVAS, que constituem uma raridade. Apareceu ainda um prato com duas asas tendo uma marca de oleiro ilegível num dos bordos.

O vaso vidrado é uma taça ou pequena urna com duas asas em forma de serpente; a ornamentação do bojo é constituída por 3 filas de brácteas lembrando o conjunto uma alcachofra ou capítulo de qualquer flor do género. O vidrado é de cor verde terrosa e deve ser constituído por um silicato de chumbo com cobre. Foi deitado sobre a vasilha estando esta de boca para baixo de sorte que escorreu pela vasilha acumulando-se nas extremidades das brácteas e nas asas. No bordo e numa asa vêem-se ainda os pingos. Nas reentrâncias das brácteas vê-se também o mesmo. Alt. — 85 mm; diâmetro na boca — 87 m; no fundo — 42 m.

III — *Comparação e cronologia*

Os vasos deste tipo com o vidrado (1) verde de chumbo são de certa raridade na Europa (2). Começando pela Espanha podemos citar o vaso da necrópole de

(1) O vidrado da cerâmica ou a forma de revestir esta de uma camada protectora esmaltada perde-se na noite dos tempos. Por volta de 5000 a 4750 anos a. C. já os egípcios revestiam os objectos cerâmicos de uma camada de esmalte azul ou verde, certamente um silicato. A cerâmica assíria, babilónica e persa apresenta os celebres tijolos vidrados.

Os vidrados têm composição semelhante à dos vidros ordinários: são silicatos ou borosilicatos alcalinos de chumbo, de cálcio, etc. Podem ser transparentes ou opacos (pelo óxido estânico). O vidrado opaco emprega-se para ocultar a cor amarelada ou vermelha do barro ordinário. O vidrado destes vasos romanos cremos ser conseguido pela fusão do silicato de chumbo a que se juntou o cobre para lhes dar a cor verde terrosa que possuem.

(2) J. H. C. Kern, «Una copa romana de vidriado verdoso en el Museo de Leiden (Holanda)», *Ampúrias*, vol. XIX-XX p. 232-237, fig. 1 est. Barcelona, 1957-1958.

Can Fanals—Pollentia (Alcudia, Ilha de Mallorca) (Fig. 3). Foi encontrado por Martin Almagro (1) na sepultura n.º 39 (n.º 5 das sepulturas de incineração) cujo espólio pode ser datado, com segurança, por uma moeda do Imperador Augusto. No vaso falta-lhe infelizmente a asa. A importância do vaso de Can Fanals reside no facto de se poder datar entre os anos 27 a.C. e 14 A. D., isto é, até princípios da Era Cristã. Medidas do vaso espanhol: alt. 140 mm; diâmetro da boca 85 mm; diâmetro do bojo 125 mm; diâmetro do pé 45 mm. Ornamentação 5 linhas de brácteas

Passando à Gália podemos apontar uma diminuta série de vasos do mesmo tipo, com vidrado verde por fora e amarelo por dentro. Citamos, por exemplo, o do Museu do Palais de Saint Pierre, chamado Museu das Belas-Artes de Lyon, possivelmente encontrado na região lionesa. Medidas: alt. — 96 mm; diâmetro da boca — 5 mm. Ornamentação — 3 linhas de brácteas.

Na Itália citamos o vaso de Ventimiglia (antiga Albentimilum) hoje no Museu de Turim. Segundo J. H. C. Kern (2) foi publicado por M. P. Barocelli (3), mas infelizmente não pôde ser datado pelo espólio que o acompanhava.

Também o fragmento do Museu de Turim (Museu di Antichità) procedente de Libarna (Ligúria) pode ser do mesmo tipo. Alt. actual — 53 mm; diâmetro máximo — 90 mm. Ornamentação — nada resta das brácteas.

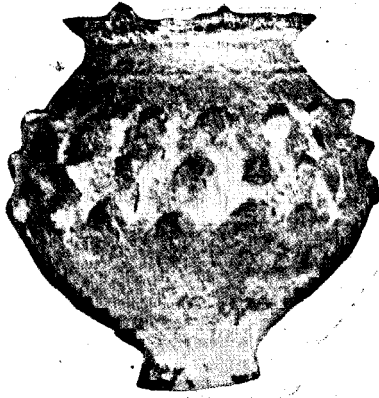
Da mesma forma o vaso do Museu de Belas-Artes de Viena de Áustria (Fig. 5) procede do norte de Itália (4). A peça está intacta e mede: alt. 93 mm; vidrado

(1) Martin Almagro e L. R. Amorós, «Excavaciones en la necropolis romana de Can Fanals de Pollentia (Alcudia, Mallorca)», *Ampúrias*, vol. XV-XVI, p. 238-273, 38 fig., Barcelona, 1953-1954.

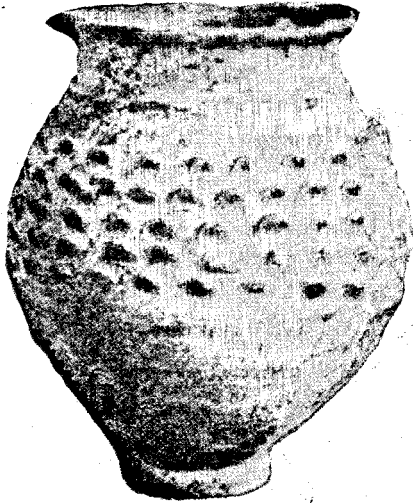
(2) J. H. C. Kern «Una copa...», op cit.

(3) P. Barocelli, «Monumenti antichi...» (citado por Kern p. 234, nota 5).

(4) Inventário do Kunsthistorischen Museum, n.º 2941 (citado por Kern p. 236 em nota).



2



3

Fig. 2 — *Vaso do Museu de Leiden*

(Segundo Kern)

Fig. 3 — *Vaso de Can Fanals*

(Segundo Martin Almagro)



4



5

Figs. 4 e 5 — *Vasos do Museu de Belas-Artes de Viena de Áustria*
(Segundo Kern)

verde no exterior e amarelo no interior. Ornamentação: 3 linhas de brátceas. Tem duas gotas de vidro no bordo.

Mencionamos seguidamente os fragmentos de vasos semelhantes procedentes de Seeboden (Carintia) (1) existentes no Museu de Klagenfurt, e sobretudo o belo vaso do Museu de Leiden (Fig. 2) estudado por Kern encontrado num povoado húngaro de Stuheweissenburg (2), 75 km. a sudoeste de Budapeste.

Existem ainda elementos semelhantes no Museu do Kaiser, de Berlim (3), mas sobre cuja origem Kern não conseguiu elementos pormenorizados.

Para finalizar a citação deste tipo de vasos indicamos a bela taça com asa, da qual se desconhece a proveniência exacta. (Fig. 4).

Para a cronologia destes, temos em primeiro lugar o vaso de Mallorca que, como se viu, está bem datado pela moeda de Augusto.

O vaso do Farrobo era acompanhado dum conjunto que se pode situar, sem dúvida, no Séc. I A. D.

A ajuizar por estes dados parece-nos lícito destacar a possibilidade de a fabricação deste tipo de vasos ser da Gália do Sul, conclusão a que chegou Kern com a qual estamos de absoluto acordo.

As descobertas do vaso de Rio de Moinhos na Herdade do Farrobo e de um outro na Panónia dão a ideia segura da grande expansão comercial dos vasos fabricados na Gália, na época imperial.

O estudo da taça de vidro do Farrobo com a inscrição no fundo confirma o que acabamos de expor. De resto, a lucerna e a restante cerâmica, contida na mesma sepultura, asseguram a datação do Séc. I A. D.

(1) P. Wiessinger na revista *Carinthia*, I, 1934 (citado por Kern p. 236, nota).

(2) Inventário M 1 9/11 (citado por Kern p. 232, nota 1).

(3) Amtliche Berichte aus den Königlichen Kunstsammlungen, vol. 32, n.º 11, Berlim, 1911 (citado por Kern, p. 233, nota. 3).

A corroborar a importância deste conjunto da sepultura n.º 20 do Farrobo, que acompanhava o vaso vidrado, transcrevemos algumas palavras do especialista Bairrão Oleiro (1) «O prato de sigillata e a lucerna, por se tratar de elementos datáveis, permitem classificar cronologicamente todo o contexto arqueológico que se encontrava nessa unidade fechada. E, como isto poucas vezes acontece, o interesse da vossa descoberta é grande por ajudar a solucionar certos problemas».

A esta opinião de um dos nossos mais abalizados arqueólogos sobre a época lusitano-romana, juntámos os factos acima referidos a respeito dos vasos de barro vidrado de verde encontrados na Europa.

(1) Carta do Dr. Bairrão Oleiro dirigida a um dos signatários ao receber o artigo sobre o cemitério do Farrobo, a publicar na Revista *Conimbriga*.